

Práticas de violência em “Meu corpo daria um romance”, de Herbert Daniel¹

Prácticas de violencia en *Meu corpo daria um romance*, de Herbert Daniel

José Veranildo Lopes da Costa Junior

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Resumo: Este artigo propõe uma leitura da narrativa *Meu corpo daria um romance* (1984), do escritor brasileiro Herbert Daniel. O exame analítico da fábula questiona as ressonâncias dos anos de autoritarismo no Brasil, a partir de um conjunto de práticas de violência direcionadas a um casal de homens gays após a troca de um beijo público numa parada de ônibus, na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Literatura contemporânea. Violência discursiva. Herbert Daniel.

Resumen: Este artículo propone una lectura de la narrativa *Meu corpo daria um romance* (1984), del escritor brasileño Herbert Daniel. El examen analítico de la novela cuestiona las resonancias de los años de autoritarismo en Brasil, desde un conjunto de prácticas de violencia direccionadas a una pareja de hombres gays tras un beso público en una parada de autobús, en la playa de Copacabana, en Rio de Janeiro.

Palabras clave: Literatura contemporánea. Violencia discursiva. Herbert Daniel.

¹ Este artigo é um recorte da tese de doutorado “Homossexualidade e autoritarismo: uma leitura de Herbert Daniel, Osvaldo Bazán e Pedro Lemebe”, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGL/UERN).

Introdução

O enredo de *Meu corpo daria um romance*, escrito por Herbert Daniel, e publicado em 1982 pela editora Rocco, é dividido em onze minutos de coisas ou casos, ou em onze capítulos (DANIEL, 1984) e, subdividido em três momentos. No primeiro, cognominado “CORPO A CORPO”, conta-se a história de afeto entre o personagem homônimo do escritor, denominado Daniel, e o seu namorado, os quais, em uma parada de ônibus na cidade do Rio de Janeiro, trocam um beijo e passam a viver, em função disso, uma experiência de violência de gênero e de negação de suas subjetividades homossexuais que tem uma duração de tempo semelhante àquela referida acima. A segunda divisão corresponde à “Matéria”, momento em que encontramos histórias sobre a formação do narrador e, por fim, o terceiro fracionamento corresponde a “Dissertação”, no qual o autor surpreende os leitores com uma heterogeneidade de relatos que podem ser lidos aleatoriamente.

Em uma rápida explicação sobre como a narrativa é desenvolvida, o narrador-personagem conta que aquela experiência durou onze minutos, em que muitas ações ocorreram após a troca de uma carícia em seu namorado, na qual “contei fisicamente o tempo, dividindo cada eternidade em ONZE vezes, como se fossem minutos ou capítulos” (DANIEL, 1984, p. 16). Além do mais, a temporalidade referida por ele é composta por três frações próprias: a memória, a ficção e fragmentos (DANIEL, 1984). Desse modo, Herbert Daniel parece indicar ao seu leitor sobre a localização da narrativa nos limiares entre a realidade e a ficção, ao apresentar fatos e casos que se aproximam do real, mas que são construídos a partir dos artifícios da ficção. Trata-se, pois, de um texto que se aproxima do fenômeno intitulado pela crítica contemporânea de autoficção, cujo termo é “reservado aos textos que desenvolvem, em pleno conhecimento de causa, a tendência natural a se ficcionalizar, própria à narrativa de si” (GASPARINI, 2014, p. 217).

Em comum, os onze minutos narrados iniciam sempre com um “CORPO A CORPO”. A história é a mesma, embora narrada de formas diferentes, cuja estratégia sugere que o beijo entre os dois homens é o grande desencadeador da narrativa, uma vez que esse evento é abordado (e reelaborado) de diversas formas. Cada vez contada, a história versa acerca da reação de diversos populares sobre o beijo entre iguais. Assim, narra-se o contexto em que a troca de beijo entre os dois homens acontece:

Fora tão bonita aquela conversa toda de bar e intimidades, entrei no ônibus. Ainda acenei sorrindo para meu namorado que cambaleava, pálido: as caipirinhas produziram um efeito mau e emocional – e ele gostava de se sentir zozzo e embebedado com o clima que criamos. De tudo resultou que nos despedíamos ali, na madrugada de Copacabana, com um beijo – furtivo – na boca. Um beijo que aconteceu como a conversação: sem plano. Não nos bastaria então um aperto de mão, um tapinha nas costas, um gesto camuflado. Movimentos do amor namorado justificavam e exigiam um beijo. Simples, rápido, sensual. Sem audácia, sim, semiclandestino, sim: mas beijo e boca (DANIEL, 1984, p. 13).

*Práticas de
violência em
“Meu corpo
daria um
romance”, de
Herbert Daniel*

189

De forma espontânea, os personagens haviam se divertido juntos, em uma noite qualquer, conversando sobre intimidades e amenidades. Do resultado disso, como algo natural, eles se despedem com um beijo na boca, não planejado. Por um momento, Daniel subtende que poderia ter substituído o beijo por um tapinha nas costas ou um aperto de mão, entretanto, o personagem acredita que a despedida de dois namorados pressupõe a troca de um beijo. Mesmo assim, ainda que eles estivessem sob qualquer efeito da bebida e o beijo ocorra sem planos prévios, os dois homens têm consciência de que não deveriam camuflar os gestos que representam os seus possíveis sentimentos.

Ao entrar no transporte público, Daniel percebe que o ônibus se transformou em um território de hostilidade e de violência, à medida em que os passageiros “alteravam a voz numa paródia do que seria uma fragilidade grotesca (feminina? Virgem! Feminina!), ou uma culposa falência masculina (masculina? Mais valia: Macha), flautavam: - Vi... a... dô...” (DANIEL, 1984, p. 15). Com esse excerto do texto, nota-se que as pessoas que viajavam naquele ônibus tentavam atingir a masculinidade do protagonista com termos como ‘viado’ e ‘bicha’, demarcando uma série de ações preconceituosas em torno da sua sexualidade. O clima do ônibus mostra que, através das ações dos passageiros, o homossexual transforma-se em motivo de piada e a sua sexualidade torna-se pública. O beijo parece ser entendido como uma performance de afeto entre dois homens gays que perturba o público e provoca reações de desmascaramentos.

A viagem continua e, em um “CORPO A CORPO”, Daniel esbarra com a segunda divisão, chamada de *genytlía*. Após um beijo de boca em seu namorado, o narrador reclama: “Viro diversão pública para os machos do ônibus, onde entro primeiro assustado, depois irritado [...] De toda forma, provoqueei ingenuamente um escândalo em Copacabana e na madrugada e na Ordem” (DANIEL, 1984, p. 49) e os olhares dos homens que viajavam no ônibus oprimem o desejo de Daniel, que desabafa: “insuportável é o olhar do outro que te torna outro e grotesco. Insuportável é o olhar que te cerca no descampado da tua diferença. Insuportável é o olhar da inquisição” (DANIEL, 1984, p. 50) e, com essas palavras poéticas, o narrador sintetiza o sentimento de muitos gays que, mesmo sendo vítimas de ações preconceituosas, se colocam como culpados por, como no caso da narrativa em questão, provocar um escândalo na praia de Copacabana.

Aqui, a ideia do olhar também tem fundamental importância. Foucault (2014), por exemplo, sustenta que um dos recursos para o bom adestramento do sujeito é o olhar inquisidor, que se transforma em uma ferramenta de poder simples, mas que é capaz de adestrar o outro. Desse modo, a reação dos demais passageiros também ressalta que o homossexual convive com o olhar inquisidor de uma sociedade viesada por um binarismo de gênero que exclui outros arranjos afetivos, sendo este comportamento acentuado em períodos autoritários, nos quais a sociedade civil tenta regular e monitorar a sexualidade dos sujeitos (COWAN, 2014).

Ao longo das onze divisões, a viagem prossegue e o narrador reconstrói o beijo: “Despedi-me do meu amigo com um beijo na boca, entrei no ônibus e tornei-me objeto da ciência dos machos de plantão” (DANIEL, 1984, p. 83) e os trabalhadores que viajavam no ônibus que partiu de Copacabana continuavam julgando o beijo de boca entre Daniel e seu namorado. Para Foucault (2014), o olhar como um recurso do adestramento tem como principal desdobramento a fabricação de indivíduos que monitoram a disciplina. Segundo o filósofo, “a disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que torna aos indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 2014, p. 167). Parece haver, na classe trabalhadora que se locomovia no ônibus, uma espécie de desejo recalcado transformado em vontade de reprimir a expressão da alteridade por um comportamento que beira o fascismo, de modo que o protagonista che-

ga a notar que “havia naqueles olhares algo mais brutal que uma simples crítica ou um banal repúdio. Havia desejo atravancado: e fascismo” (DANIEL, 1984, p. 84). A partir dessa observação, percebe-se, portanto, a violência simbólica como característica dos eventos que ocorriam naquele ônibus, simbolizada pelo olhar inquisidor (FOUCAULT, 2014).

Em “pele e anexos”, quarta divisão de coisa ou caso, a viagem de Daniel continua quando “trocado o beijo com meu namorado, embarquei. Só percebi que atravessara para outra dimensão da vida enquanto procurava no bolso as moedas para pagar ao trocador” (DANIEL, 1984, p. 113) e aqueles homens continuavam julgando o jovem protagonista depois que ele atravessara a roleta: “fui percebendo os olhares e uma linguagem que desfazia a conversação amorosa que eu tivera até ali para impor em mim um silêncio e as regras gramaticais da força do ódio” (DANIEL, 1984, p. 113), ou seja, o narrador nota que aqueles homens queriam impor a ele o adestramento (FOUCAULT, 2014) do sujeito heterossexual. Ao adentrar no coletivo, Daniel deduz que ele não estava embarcando em um ônibus qualquer, mas para uma outra dimensão da vida, que é a da intolerância, do fascismo e do ódio ao diferente, constituída pelo olhar como um mecanismo de poder (FOUCAULT, 2014). Esta outra dimensão da vida, portanto, é criada a partir de algo simples: do olhar julgador como “um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente” (FOUCAULT, 2014, p. 167).

O quinto período da viagem é intitulado “extremidades do aparelho digestivo”. Nesse momento, o narrador avalia o que supostamente lhe diferenciava dos demais passageiros daquele transporte, pois “se, naquela natureza, me queriam ser natural, me via composto no meu novo corpo. Como se tivesse um membro a mais, exposto e inaceitável, única atração peculiar no meu conjunto sóbrio” (DANIEL, 1984, p. 144), sugerindo que a natureza havia dado ao seu corpo um membro que o diferenciava dos demais homens. Assim, a diferença se constitui através do olhar do outro, que nesse caso enxerga em Daniel um órgão a mais, como se o homossexual fosse consequentemente diferente.

Em mais um “CORPO A CORPO esbarrei com a vida ali e já em onze divisões de coisa ou caso” (DANIEL, 1984, p. 179), o trajeto daquela viagem, que se inicia em uma parada de ônibus da praia de Copacabana, chega à sua sexta parada intitulada “aparelho circulatório e sangue”. O narrador recorda a inquietação dos passageiros daquele transporte após presenciarem a troca de um beijo entre dois namorados: “Despedi-

*Práticas de
violência em
“Meu corpo
daria um
romance”, de
Herbert Daniel*

191

da, beijo, namorado, passo do meu real ao natural no ônibus, sofro metamorfoses, completo um ciclo. E agora? Tudo e nada. Aguardar. Aguardar meu passado, que passou” (DANIEL, 1984, p. 179). O protagonista do romance relata que não só ele era vítima de ações preconceituosas em torno de sua sexualidade, dado que “ali no ônibus, sofríamos de formas diferentes, ataques diferentes. Deveria tentar lhes explicar como vejo as coisas. Explicar? É: expor dúvidas dialogadas” (DANIEL, 1986, p. 181), apontando uma série de preconceitos construídos em torno daqueles que não obedecem à linearidade da normatividade, a partir do olhar inquisidor (FOUCAULT, 2014). Dito com outros termos, Daniel não era o único indivíduo vítima de algum tipo de violência simbólica, outros passageiros daquele transporte também sofriam algum tipo de segregação, seja de gênero, de raça, de etnia ou de classe social, o que mostra outra característica da sociedade brasileira: a do preconceito estrutural.

Na sétima parada daquele trajeto iniciado na praia de Copacabana, narra-se: “CORPO A CORPO esbarrei com a vida, ali e já, em onze divisões de coisa ou caso”. A narrativa é reconstruída “no meio da rua, no meio do bairro, no meio do povo, no meio do Brasil, no meio da crise, no meio hostil: dois homens se beijaram – quase furtivamente – sem querer, com querer e bem” (DANIEL, 1984, p. 227). Enfatiza-se, com estas reconstruções, o incômodo ao olhar panóptico (FOUCAULT, 2014) que um beijo na boca entre dois homens no âmbito da vida pública pode causar a uma sociedade enviesada por preceitos misóginos. As localizações geográficas também sugerem que, o ocorrido em Copacabana, era uma realidade recorrente no meio da rua, do bairro, do povo, do Brasil, evidenciando uma violência direcionada à homossexualidade quando vivida no espaço público.

Em outro “CORPO A CORPO, esbarrei com a vida, ali e já, em oito divisões de coisa ou caso” (DANIEL, 1984, p. 269) intitulado “órgãos sentidos”, a narrativa do beijo entre Daniel e o seu namorado é mais uma vez reconstruída: “Foi por causa do beijo no meu amigo: não há outra razão para me encararem desse modo, não há outra evidência em mim. No entanto eles me acusam, os meus companheiros desse transporte público” (DANIEL, 1984, p.269) e, assim, o protagonista do romance realça a ideia de que o beijo público ao olhar (FOUCAULT, 2014) dos demais passageiros havia desencadeado uma série de reações dos populares que viajavam no transporte público. Daniel também se caracteriza como um homem comum, ao dizer que “não há outra evidência em

mim”, a qual localize a sua homossexualidade. Portanto, ele sabe que existem marcas, no seu comportamento, que indicam prontamente a sua homossexualidade.

O capítulo nove, intitulado “Aparelho locomotor” começa com mais um “CORPO A CORPO esbarrei com a vida, ali e já, em onze divisões de coisa ou caso” (DANIEL, 1984, p. 303) e segue questionando o machismo como operador de práticas opressoras. O narrador conta: “Foi só dentro do ônibus que entendi que desrespeitara uma regra básica da homossexualidade opressiva do machismo dominante: os atos homossexuais só são aceitos *travestidos* em transas de machos” (DANIEL, 1984, p. 303). Com isto, o romance sugere que, para uma lógica conservadora e dissimulada, a relação entre dois homens deve definir-se pela opressão e submissão, de modo que um dos agentes caracterizadores dessas relações é a violência. O narrador recorda que: “Gestos duros e simulações de violência são absolutamente imprescindíveis. Um homem não toca com carinho outro homem” (DANIEL, 1984, p. 303). Acentuam-se a agressividade como traço que singulariza as masculinidades e mascara o desejo homossexual. Desse modo, uma relação entre homens poderia torna-se aceita quando os sujeitos imbricados agissem a partir da submissão e da violência de gênero, sem demonstrarem afeto entre si. Ainda assim, essa relação seria aceita caso se mantivesse escondida do olhar tradicional (FOUCAULT, 2014) dessa sociedade. Trata-se, portanto, de uma falsa heterossexualidade, pautada por atitudes e gestos violentos que escondem a homossexualidade. Recuperamos o seguinte excerto que ilustra a problemática:

E, no entanto, faço um gesto de carinho no meu amigo, com um beijo na boca que nem tinha a qualidade de ser uma manifestação tonitruante. Como foi rápido deixou mais a supor do que deu a conhecer. Estimulou assim a comprimida imaginação homossexual de todos aqueles homens que deixavam Copacabana rumo aos subúrbios, mas eram incapazes de deixar seus próprios recalques na tentativa de abordar qualquer periferia da vida com prazer (DANIEL, 1984, p. 303).

Nessa passagem da narrativa, importa chamar a atenção para o desmascaramento e os desejos (homossexuais) provocados nesses homens (heterossexuais) que voltavam aos subúrbios de ônibus. Embora o

beijo tenha estimulado um campo de intensidades homossexuais, estes homens optam por não experimentar um conjunto de subjetividades não-hegemônicas. Por consequência, eles canalizam o desejo através de uma série de agressões direcionadas à Daniel durante a viagem de ônibus, como se fossem capazes de adestrar através do olhar (FOUCAULT, 2014) o personagem envolvido na situação. Enfatiza-se, ainda, que o gesto de carinho, ou seja, o beijo, é o grande desencadeador da violência sofrida por Daniel. Além do mais, a expressão “qualquer periferia da vida com prazer” (DANIEL, 1984, p. 303) parece demarcar a homossexualidade como uma prática afetiva marginal e, portanto, localizada em uma posição menor, em relação à uma matriz heterossexual, socialmente aceita e validada como normativa.

Outrossim, é importante problematizar o deslocamento que tais sujeitos realizam do centro para a periferia: se, por um lado, eles se deslocam durante a viagem de ônibus de Copacabana para o subúrbio; o que ilustra um movimento de saída de um território hegemônico (pensado para a classe média alta carioca) e de entrada em um lugar marginal (um subúrbio, localizado nas margens da sociedade), por outro, esses passageiros são incapazes de se descentralizarem/desterritorializarem de suas posições e desejos pré-concebidos. Portanto, eles experimentam uma descentralização geográfica (e cultural), que estagna na mesmice de suas concepções de sexualidade, impedindo-os de potencializar um Corpo sem Órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 2012).

A décima parada dessa viagem intitula-se “Solidariedade”, cujo enredo inicia-se com o já conhecido “CORPO A CORPO esbarrei com a vida ali e já em onze divisões de coisas ou caso” (DANIEL, 1984, p. 343), indica que o beijo entre Daniel e o seu namorado o levou a uma lenta viagem de onze minutos: “Um beijo, um cerco, umas brumas. [...] A previsão garante lentidão para os minutos, mesmo onze, e surpresas da rapidez do que passou na memória” (DANIEL, 1984, p. 343), o que provoca uma série de memórias sobre o ocorrido. Cada uma das paradas funciona como *flashbacks*, no qual o evento é narrado de forma rápida e precisa.

A última parada do trajeto é intitulada “Continua no próximo órgão” e ao longo de sete páginas ocupa-se de resumir a narrativa. Dessa vez, a história não é iniciada com um CORPO A CORPO (DANIEL, 1984), mas com um “Fazer é estar sempre no meio do produto. Nada se encerra, apenas abre uma novidade. Qualquer fim é apenas a perspectiva individual de um mortal” (DANIEL, 1984, p. 389), como se o romance

se preparasse para concluir a narrativa, detalhando os acontecimentos da viagem, trazendo uma avaliação final do narrador para o que havia acontecido durante os últimos minutos do deslocamento iniciado em uma praia do Rio de Janeiro.

Aproximando-nos dos momentos finais da narrativa, o jovem protagonista recorda: “acordo, mas fico fechado dentro dos meus olhos, vendo dentro um estrago irrecuperável do pânico naquele ônibus” (DANIEL, 1984, p. 389). O sentimento mencionado pelo personagem é resultado de um conjunto de macropolíticas que chegam a causar pânico. Ele conclui que “decepção, quase desistência, se não fosse a tara de querer sobreviver ao desterro. Desforra em coletivo; vingança não” (DANIEL, 1984, p. 389), ilustrando a resistência da comunidade homossexual em torno da opressão vivida em um cotidiano marcado por macropolíticas do desejo. Daniel chega a pensar que morrer é uma das poucas possibilidades que restam quando se habita o deserto. Mas a resistência de Daniel é forte e ele anuncia que tem desejo de viver, mesmo nesse deserto de preconceito e de intolerância, criando micropolíticas (GUATTARI; ROLNIK, 2005) que se opõem ao desejo de aniquilação do diferente.

*Práticas de
violência em
“Meu corpo
daria um
romance”, de
Herbert Daniel*

195

Da representação de um beijo entre iguais à emergência de práticas de violência

A narrativa de Herbert Daniel desenha o cotidiano de um Brasil autoritário e violento, tendo como pano de fundo uma das maiores cidades do nosso país. Como dito em outros momentos, o evento que desencadeia uma série de ofensas e olhares panópticos (FOUCAULT, 2014) contra o protagonista da história é a troca de um beijo com seu namorado, na cidade do Rio de Janeiro. Ao entrar no ônibus, o narrador relata que, além dos olhares preconceituosos, alguns dos passageiros dirigiam-lhe expressões como “bicha e viado”, o que denota a ocorrência de uma violência simbólica, diretamente relacionada a questões de gênero e sexualidade; como também a uma violência que se inscreve no corpo abjeto (BENTO, 2017; POSSO, 2009) de um sujeito homossexual. Retornamos ao romance para ilustrar a violência simbólica sofrida pelo personagem:

Reagi, sem mover, nos meus intentos me elucidando: Daniel, você aos trinta e seis anos, publicamente homossexual, está amedrontado e sufocado por um pavor inútil, no meio de pessoas cuja hostilidade você provocou por descuido ou irrealismo. O seu pânico

só dá razão aos que dizem “o povo não está preparado” – nem para votar, nem para provocar mudanças, nem para tolerar a diferença. O seu pânico é covarde e reacionário. É equivocado e injustificado. Tente se enfrentar e enfrentá-los. Daniel, você tem argumentos bons e racionais, você tem razão e mais que isto: lucidez para localizar a injustiça. Não se abata pelo susto. Firme. Se houver provocações, procure responder sem aceitar a intolerância. Não é esta a primeira vez que você está sendo submetido à humilhação. E não será a última (DANIEL, 1984, p. 84).

Daniel encontra-se com receio das ações dos demais passageiros que estavam naquele ônibus, visto que o personagem está amedrontado, sufocado e em pânico, e estes sentimentos o deixam assustado ante a violência simbólica sob a qual fora exposto. A partir do momento em que entra no ônibus, o protagonista do romance é chamado de “bicha e viado”, sendo submetido a uma humilhação discursiva em virtude da sua homossexualidade. Karl Posso (2009) sustenta que, nas primeiras décadas do século passado, no Brasil, a palavra homossexual aplicava-se somente a homens efeminados, ou seja, “a “bicha” ou o “veado” (também “viado”) – que supostamente adotavam o papel passivo ou feminino durante a relação sexual penetrativa com um parceiro ativo, o “bofe” (POSSO, 2009, p. 19). Outrossim, o que podemos verificar é uma associação, por parte dos passageiros do ônibus, entre o beijo e o papel feminino supostamente adotado por Daniel – o que, para essa sociedade sexista e autoritária, justifica as agressões discursivas a ele direcionadas.

Daniel era visto, naquele momento, como o invertido (POSSO, 2019) que havia alterado a lógica patriarcal e dissimulada dos passageiros do ônibus, em virtude do beijo trocado com o seu namorado. O narrador também faz uma crítica à maturidade política dos sujeitos envolvidos na cena, ao dizer que o povo não está preparado para votar nem para tolerar a diferença. Desse modo, temos aí uma alusão a um período de transição entre o autoritarismo e a democracia brasileira.

No entanto, ainda que exista uma possível abertura política, dada através do processo de redemocratização, Daniel ironiza dizendo que o brasileiro não está pronto para votar, porque ele não entende que a democracia é um regime que prega a tolerância, principalmente no que tange à sexualidade dos cidadãos que compõem um Estado de direito. Mesmo sendo vítima de discursos violentos, o personagem sabe que

deve responder aos insultos, sem aceitar a intolerância, sendo esta uma estratégia que encontra-se em consonância com a necessidade de busca pelo diálogo no cenário da impotência da falta de abertura para o outro (TIBURI, 2018) e na constituição das micropolíticas (GUATTARI; ROLNIK, 2005) que se opõem a uma macropolítica para a qual o preconceito é um mecanismo institucionalizado de defesa da heterossexualidade.

Dedicando-se à questão da violência, na sua pesquisa de doutoramento, Irme Salete Bonamigo (2007, p. 38) afirma que “querer engessar a “violência” em uma definição fixa e simples significa reduzi-la e deixar de compreender as singularidades que caracterizam diferentes povos, as transformações e especificidades históricas”. A autora advoga que é inadequado estabelecer uma definição estrita para o fenômeno que desconsidere as particularidades do contexto sócio, histórico e político em questão.

Entendemos que, no tempo presente, a violência se constitui através de diversas práticas e aqui outros tipos de violações se manifestam no mundo contemporâneo como, por exemplo, a simbólica e a de gênero. Isso não significa dizer, por sua vez, que esses ‘novos’ tipos de violência eram inexistentes em outras décadas, mas implica reconhecer que, hoje, com as mudanças sociais, ampliou-se as definições para o termo ‘violência’, considerando, sobretudo, a complexidade semântica e sociológica do conceito.

Karl Erik Schøllhammer (2013) é um autor que se dedica à questão da violência, discutindo sobre o crime no mundo contemporâneo, mostrando que diversos setores da sociedade, tais como a mídia, o jornalismo e a literatura, ocuparam-se da violência. O autor afirma que “o medo da violência e sua aparição nos discursos sobre a realidade brasileira começam já na década de 1950, mas ganham plena visibilidade apenas nos anos 1970” (SCHØLLHAMMER, 2013, p. 44). Dito com outras palavras, é durante o período ditatorial que os índices de violência se acentuam no Brasil. Essa afirmação permite desconstruir uma crença firmada no senso comum e massificada por um setor conservador da nossa sociedade que, ignorando a história, incentiva a falácia de que, durante os anos de chumbo, não havia violência no Brasil. Para o pesquisador:

A representação da violência é marcada por dois componentes sociopolíticos determinantes. Por um lado, a violência foi considerada um resultado negativo do milagre econômico e do entusiasmo desenvolvimentista brasileiro, que desencadeou um

*Práticas de
violência em
“Meu corpo
daria um
romance”, de
Herbert Daniel*

197

crescimento explosivo dos centros urbanos e de suas populações, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo, e que em poucas décadas transformou o Brasil agrário coronelista num país predominantemente urbano, com todos os problemas sociais decorrentes de uma urbanização problemática (SCHØLLHAMMER, 2013, p. 44).

Nota-se, portanto, que além da desigualdade social e das problemáticas surgidas através do capitalismo, um dos fatores que justificam o aumento acentuado da violência no Brasil é o milagre econômico, proposto pelos militares. Schøllhammer apresenta uma crítica ao golpe militar de 64 no que diz respeito às relações entre democracia e violência:

Nas décadas de 1960 e 1970, a violência veio associada à condição política da chamada “Revolução de 64”, cujo rótulo romântico encobria um golpe militar que interrompeu o processo democrático, dando início a um longo período de autoritarismo político e de lutas clandestinas contra o regime. (SCHØLLHAMMER, 2013, p. 46).

Para este autor, o golpe militar de 64 no Brasil foi o grande responsável pela construção de um Estado agressivo e repressor, a partir da institucionalização da violência. Entendendo, assim, que o período de autoritarismo foi um momento marcado pela opressão, percebemos que parte da literatura contemporânea que trata da narrativa dos anos de chumbo encontra-se atravessada por marcas da truculência. Além disso, a violência encontra-se associada a outros fatores, como a pobreza, o desemprego, a fome, a corrupção e o acúmulo de riquezas por parte das elites econômicas. Percebemos também uma relação direta entre violência e capitalismo, notadamente em diálogo com a desigualdade social (SCHWARCZ, 2019).

Karl Posso, por sua vez, é mais específico ao relacionar a discussão sobre violência e homossexualidade ao contexto autoritário brasileiro. O referido autor mostra que, no nosso país, “a homossexualidade foi regularizada por vagos códigos criminais – apoiados pela Igreja Católica – que almejam proteger a decência pública” (POSSO, 2009, p. 14). Segundo ele:

Nos anos 1970 e 1980, o governo militar no Brasil se diferenciou dos correspondentes argentino e chileno, cuja perseguição aos homossexuais era mais aviltante. Entretanto, atos de violência homofóbica em nome do Estado aconteceram de fato no Brasil: as leis existentes contra a indecência conjugadas à lei contra a vadiagem deram carta branca à polícia para que esta conduzisse campanhas de “limpeza” nas cidades. Ela prendia e encarcerava homossexuais encontrados em bares e pontos de encontro, e eram impiedosos com afeminados ou prostitutas travestidos (POSSO, 2009, p. 14).

*Práticas de
violência em
“Meu corpo
daria um
romance”, de
Herbert Daniel*

A violência no Brasil, durante o período ditatorial, direcionada aos homossexuais encontra fundamento na defesa dos preceitos religiosos e morais. Karl Posso recorda um passado recente no qual a polícia tinha como tarefa prender homossexuais que insistiam em fazer parte do âmbito da vida pública e da política nacional. Sobre política, Lilia Moritz Schwarcz (2019, p. 159) comenta:

Política é a arte de construir consensos. No entanto, quanto mais conservadores são os regimes políticos, maior é a tendência que têm de desconhecer as histórias das minorias nacionais, transformando-as em “estrangeiros em sua própria terra” e assim anulando, sistematicamente, seus direitos. Só se constrói uma democracia republicana quando, de fato, se incluem diferentes povos a partir de seus conhecimentos acumulados.

Nesse sentido, o romance de Herbert Daniel dialoga com o pensamento de Schwarcz (2019) acerca do autoritarismo brasileiro. A autora lembra que regimes conservadores excluem os grupos minoritários. O que acontece com o personagem Daniel ilustra o fato de que, se no Brasil, durante os regimes ditatoriais, os homossexuais foram agredidos por um Estado antidemocrático, a política (e a vida social) se transforma(m) em um campo de exclusão e de pertencimento para poucos.

Assim, ao retornar a leitura crítica do romance, em um primeiro momento, notamos a ocorrência de uma violência simbólica motivada a partir da troca de um beijo entre dois homens em um espaço público da cidade do Rio de Janeiro, o que é amparado quando consideramos o preconceito como traço que caracteriza a sociedade brasileira, marca-

199

da pelo conservadorismo e pelo autoritarismo (SCHWARCZ, 2019). Por essa linha de pensamento, é necessário localizar a narrativa de Herbert Daniel em uma conjuntura antidemocrática, na qual a violência institucionalizada por um Estado militar tenta regular as relações entre os indivíduos.

Em um segundo momento da narrativa, encontramos referências explícitas ao regime militar, atravessado pela violência como traço caracterizador desse período da história brasileira (POSSO, 2009; SCHØLLHAMMER, 2013). No decorrer do romance, nos deparamos com carícias entre Daniel e Renzo, ambos homens que se opuseram ao regime e tiveram um envolvimento afetivo. Essa história de paixão entre estes dois personagens ocorre em uma noite de janeiro, logo após a assinatura do AI-5, o qual institucionalizou a violência como política de Estado:

Na noite de janeiro, um mês e um dia depois do AI-5, Renzo ficou em minha casa até tarde na madrugada. Conversávamos excitados, comentando a ação armada daquela tarde, onde ambos participáramos. E muito alegres nos abraçávamos – estávamos começando a luta armada! – e tornávamos a nos abraçar comemorando. Fui sendo ocupado pelo tesão real. Genital. E disse que queria sair, que o levaria até a casa dele, que era longe.

- Eu durmo aqui.

- Ah, hoje não dá – menti. – Amanhã tenho uma reunião aqui e você não deve ver quem vem.

A segurança era uma ótima muralha para algumas inverdades. Não o levei até em casa. Despedi-me do meio do caminho (DANIEL, 1984, p. 133).

Na noite de verão, em que aparecem representadas as ações narradas no excerto acima, Daniel relata, em primeira pessoa, o desejo que sentia por Renzo e que, mesmo excitados, oprimem as suas subjetividades sexuais para não fugirem do perfil esperado para dois combatentes militares. Mesmo assim, eles conversam sobre a luta armada, comemoram se abraçando e sentem a excitação dos seus corpos. Mas Daniel não quis dormir junto com Renzo, dizendo que, por questões de segurança, cada um deveria retornar a sua casa. Após a despedida do rapaz, o desejo aflorava no corpo de Daniel: “Retornei, tonto, o tesão tinha chegado.

Eu queria ir para a cama com ele. Beijá-lo, chupá-lo, dar para ele, ser chupado, aproveitado, comê-lo. Foder, foder mesmo” (DANIEL, 1984, p. 133). Angustiado, o narrador relata a necessidade de resistir ao desejo pelo corpo de Renzo:

Queria curar-me do amor que ali, naquela noite, de dia de guerrilha urbana explícita, se rebaixara até o sexual não menos explícito. Estava eu de pau duro. No abraço, é verdade que eu vira o pau dele fazer volume sob a calça? Lembra daquela noite em que ele bêbado, seminu, resolvera lutar judô e nos jogara apertados na cama, corpo no corpo, também naquele dia o pau dele não ficara duro? Ou seria apenas delírio meu? Certamente pura alucinação. Meu tesão ficava perigoso, distorcia até minhas observações do real (DANIEL, 1984, p. 134).

*Práticas de
violência em
“Meu corpo
daria um
romance”, de
Herbert Daniel*

201

Ainda que Renzo represente um perigo à normatividade da sexualidade do narrador, o desejo que desses corpos emergia era mais intenso e, praticamente, incontrolável. Daniel estava apaixonado por Renzo e, embora quisesse curar-se do sentimento que o envolvia, excitava-se pelo jovem guerrilheiro. Um abraço era suficiente para estimular o corpo dos dois, que ficavam de “pau duro”. Existe na narrativa uma espécie de tensão, ocasionada pelo contexto da ditadura, que os impede de viver esta relação. Mas, ao mesmo tempo, o desejo é manifestado a todo instante por um tesão que os dois homens sentem um pelo outro. Esse desejo, provoca uma espécie de confusão em Daniel, que questiona se a excitação de Renzo não seria apenas um delírio ou uma pura alucinação.

A saída para estancar o desejo é a transferência de Daniel para outro comando militar. Assim, ao não encontrar Renzo, o protagonista não o desejaria mais. Esperando o dia seguinte para que tudo se resolvesse, Daniel narra: “Dormi muito tarde, depois de muito angustiar-me. E depois de duas punhetas aliviadoras. Em nenhuma delas consegui figurar Renzo” (DANIEL, 1984, p. 134). O que ocorre é que o personagem acaba, por meio, da masturbação, esgotando as intensidades e reprimindo o desejo sentido, já que nesse instante não consegue vivê-lo oficialmente. Além disso, a aflição do personagem é aliviada com duas masturbações seguidas, o que sugere que o desejo sexual era latente no seu corpo e que, a masturbação, nesse caso, traria uma resposta para a

inquietação do narrador que conclui: “Dormi exausto, transferindo para amanhã, que começava na manhã que já dissolvia a madrugada, a definitiva solução daquela querela sem trégua” (DANIEL, 1984, p. 135) na esperança de que tudo prontamente resolvera-se.

Dormido, Jorge, um companheiro da guerrilha, acorda Daniel com a notícia de que Renzo havia sido preso após ter saído de sua residência, na noite anterior. A polícia esperava-o em casa enquanto ele recordava que Jorge nada sabia acerca do sentimento que envolvia esses dois homens. O depoimento do narrador mostra as inúmeras perseguições políticas durante o período ditatorial brasileiro:

Renzo foi preso como integrante de um “grupo de desapropriação”. Ângelo também, naquela mesma madrugada. A polícia já seguia, há tempos, pistas dos dois. Como é que eu escapei? E eram os companheiros que eu mais frequentava. Ainda demos duas semanas para entender por que foram somente os dois. E nós? Nem chegaríamos a entender – e nós? – pois duas semanas depois quase todos foram presos. Fim de janeiro. Por sorte, por razão, escapei. Fugí (DANIEL, 1984, p. 152).

As prisões naqueles anos aconteciam a partir de justificativas esdrúxulas e forjadas. O encarceramento de Renzo era eminentemente político, e não porque ele participara de um “grupo de desapropriação”. Daniel, por sorte, conseguiu escapar dos porões do regime militar e relata que o decreto AI-5 significava a institucionalização da violência, da tortura e das prisões políticas e, por isso, era necessário resistir a uma política de opressão. Ele desabafa: “O que fora o AI-5? Confirmação de que a guerrilha era a única, exclusiva, absoluta, completa saída. Guerrilheiros não eram presos assim, segundo eu entendia, desarmados e na sala de estar da família” (DANIEL, 1984, p. 152). Após a prisão de Renzo o narrador relata:

Separei-me definitivamente de Renzo. Fui esquecendo-o, com dificuldade. Passei anos antes de reencontrar Ângelo. Sete anos. Renzo, nunca mais vi. Nada sei da sua história posterior àquela madrugada, que me interessa. Soube notícias de um estranho Renzo, que se isolou, se abdicou, sumiu-se. Meu Renzo ficou sendo um outro – que tem muito do sofrimento do que se desvane-

ceu e de um aéreo desejo que lhe tenho de que seja hoje, no que é possível, feliz. Meu Renzo sedimentou-se como uma mágoa, que fui levando, junto à ferida deformante da ausência de Ângelo, meu tão irmão, meu sempre parceiro a parte, Fui trazendo isso, para longe. Para constantemente (DANIEL, 1984, p 152).

Renzo foi uma grande paixão na vida de Daniel, mas era necessário dar um término ao relacionamento, ainda que com muita dificuldade. Ele transforma-se em um homem estranho, depois, em uma mágoa. Entre imagens e recordações, era difícil esquecê-lo, de modo que o personagem relata: “e a incerteza que me acompanhava era maior até que a paixão. Renzo ia ali misturado a perdas e passagens. Consegui chegar, no Rio, muitos meses depois, a me masturbar pensando numa incorporal trepada” (DANIEL, 1984, p. 153), o que mostra que este homem permanecia no imaginário sexual de Daniel, que continuava se masturbando pensando nele. Daniel conclui que Renzo nunca saíra de seus pensamentos, mas “não foi um grande gozo. Foi uma punheta um pouco frustrante. Depois vieram outras, um pouco melhores. Mas nunca as melhores” (DANIEL, 1984, p. 153). Com essas memórias, o narrador anuncia que a sua homossexualidade era uma ação política, o que se aproxima das micropolíticas do poder (GUATTARI; ROLNIK, 2005), pois “aos dezessete anos já, ser homossexual não era uma etapa, mas um feito de enfrentar, de um jeito que não deixava de ser político, o corpo que me cabia. E não cabia” (DANIEL, 1984, p. 154) e informa a chegada dos anos de chumbo em nosso país, “entramos no ano bissexto: 1964” (DANIEL, 1984, p. 154).

Nesses momentos da narrativa de Herbert Daniel encontramos inúmeras referências diretas à ditadura militar no Brasil como, por exemplo, a prisão política de Renzo e a assinatura do decreto AI-5. É nesse contexto que percebemos a ocorrência de diversas práticas de violência (BONAMIGO, 2007), sobretudo, as institucionalizadas pelos militares. Para concluir, os anos 1964 são reconstruídos com as seguintes palavras: “O golpe de 64 nos pegou na festa – mas continuamos. Os militares também, E reagimos, preparando uma comemoração a bala, a grito, a risco, a gozo, a balda” (DANIEL, 1984, p. 154), o que sinaliza que esse período foi um dos momentos mais violentos já registrados na história do nosso país.

*Práticas de
violência em
“Meu corpo
daria um
romance”, de
Herbert Daniel*

203

Conclusões

Neste artigo nos ocupamos da análise da narrativa *Meu corpo daria um romance*, de Herbert Daniel (1984), com vistas a problematizar as ressonâncias do autoritarismo brasileiro na vida pública de dois personagens gays que trocam um beijo público na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro.

No romance analisado, a violência sofrida pelos personagens principais não é cometida pelos militares, mas por cidadãos “comuns” que se locomoviam em um ônibus. Desse modo, vemos um reflexo da ditadura na vida cotidiana: a sociedade se apropria de práticas (e discursos) autoritárias para oprimir outras pessoas, mas também visualizamos um traço da sociedade sexista em que vivemos.

Como já mencionado anteriormente, a fábula de Herbert Daniel conta a história de dois namorados que, após uma despedida com um beijo na boca, em uma parada de ônibus da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, são submetidos a uma sequência de olhares e discursos preconceituosos, enviesados por um binarismo de gênero que tenta impedir o amor entre iguais. Dessa forma, percebemos que essa violência de gênero, no âmbito discursivo, sob o qual os personagens são submetidos, sinaliza para o fato de que o corpo homossexual, além de sofrer inúmeras punições, é constantemente vigiado pelo olhar inquisidor da sociedade (FOUCAULT, 2014).

A narrativa de Herbert Daniel não trata de uma violência ao corpo. Em nenhum momento os personagens do romance são violentados fisicamente. A violência sofrida por Daniel e o seu namorado estão no âmbito das subjetividades, ou da alma, para corroborar a citação de Michel Foucault (2014). Em um desabafo, o protagonista comenta que ele se tornara, naquela situação, um “objeto de uma violência em potência” (DANIEL, 1984, p. 50), ou seja, Daniel já havia entendido que ele se transformava no foco de uma violência de gênero, sendo esta uma resposta a um beijo que, em uma ótica conservadora, converte-se em um modo de subversão aos padrões estabelecidos pela normatividade heterossexual.

Por fim, ao analisarmos o comportamento de Daniel, percebemos que ele, mesmo receoso com o que poderia vir a acontecer, potencializa o seu corpo como resistência ao conservadorismo e à violência imposta pelos passageiros do ônibus. Assim, Daniel constitui um corpo de resistência, ou seja, aquele que, mesmo em situações atípicas, entende a importância de reivindicar o seu espaço na sociedade e de lutar contra as forças opressoras.

REFERÊNCIAS

BONAMIGO, I. S. **Violências na contemporaneidade: etnografia de redes sociotécnicas na cidade de Chapecó (SC)**. 2007. 255 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

BENTO, B. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EdUFBA, 2017.

COWAN, B. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In: GREEN, J. N;

QUINALHA, R. **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e busca da verdade**. São Carlos: EduFSCar, 2014.

DANIEL, H. **Meu corpo daria um romance: narrativa desarmada**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2012.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GASPARINI, P. Autoficção é o nome de quê? Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. In: **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica – cartografia do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

POSSO, K. **Artimanhas da sedução: homossexualidade e exílio**. Tradução de Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SCHØLLHAMMER, K. E. **Cenas do crime – violência e realismo no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

*Práticas de
violência em
“Meu corpo
daria um
romance”, de
Herbert Daniel*

205

SCHWARCZ, L. M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TIBURI, M. **Como conversar com um fascista**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

*José Veranildo
Lopes da Costa
Junior*

206